

O novo faraó esvaziou a Tahrir



Comentário
Sofia Lorena

A “revolução parece gostar do Inverno”, dizia-se por estes dias, há cinco anos, no Cairo. Meses depois do afastamento do ditador Hosni Mubarak, a Praça Tahrir voltava a encher-se de gente a exigir eleições e a entrega do poder aos civis; pediam-se ainda indemnizações pelos mortos e feridos dos 18 dias que começaram a mudar o Egipto, em Janeiro.

Eram tempos de esperança e de resistência: num só domingo, 22 de Novembro de 2011, pelo menos 24 pessoas eram mortas a tiro ou asfixiadas com gás lacrimogéneo. A frase acima foi dita ao PÚBLICO nessa noite por Mona Soueif, do movimento No Military Trials, irmã de Alaa Abd El Fattah, um dos rostos da revolução, com longos períodos preso. “Estou tão cansada de tentar perceber por que é que nos atacaram”, dizia também Soueif. Mas logo depois: “Isto parece-me muito com Janeiro e Fevereiro. Espero que seja uma nova vaga da revolução.”

Cinco anos depois, na Tahrir do Cairo, só há tanques. Nem uma bandeira, uma faixa, nem um manifestante. A nova vaga tarda.

Em 2011, em Novembro, a praça símbolo das revoltas árabes estava ocupada por uma multidão que gritava contra o SCAF – o Conselho Supremo das Forças Armadas –, que deixara cair Mubarak para não perder o país desde sempre nas mãos dos militares. “Parece que foi há uma vida”, diz-nos agora um jovem que então enfrentava a polícia e entretanto emigrou.

Os egípcios gritaram, resistiram e morreram às dezenas. O medo, aquela barreira de uma força paralisante que caíra em Janeiro, ainda não estava de regresso.

Por causa disso, em Dezembro, houve eleições legislativas. No ano seguinte, presidenciais, as primeiras democráticas. Venceu Mohamed Morsi, da Irmandade Muçulmana, à segunda volta, com 52%. Mal esteve um ano no poder – em Julho de 2013 era afastado pelos militares, a pretexto de protestos em massa contra o seu Governo. Seguiram-se vários massacres; num só dia, mais de 700 apoiantes de Morsi foram mortos no Cairo.

O que veio a seguir foi um novo faraó que começou por ocupar o poder e depois se fez eleger. Em Maio de 2014, o ex-coronel-general Abdul Fattah al-Sissi era eleito para a presidência com mais de 93% dos votos. Sissi secou tudo. Depois da repressão contra a Irmandade, com milhares de mortos e de detidos, seguiu-se a repressão contra quaisquer opositores e democratas. Ilegalizaram-se as manifestações, detiveram-se líderes activistas e assustaram-se outros. Têm sido os piores anos de sempre, piores do que os meses de Morsi, piores do que Mubarak.

Pode sempre piorar. E é por isso que, por estes dias, não há ninguém na Tahrir. Os actuais líderes pró-democracia decidiram não sair à rua na última convocatória, no dia 11, temendo que por trás do apelo estivesse o próprio regime, à procura de um pretexto para travar o que ainda mexa, calar os poucos que ainda têm voz. Foi o que aconteceu quando Morsi foi deposto, algo que os activistas descobriram “demasiado tarde”, admitem.

O Egipto de hoje está de novo assustado, com fome, paralisado. A ONU e a UE manifestam “preocupação” a cada novo ataque contra os direitos. E os líderes do mundo, os mesmos que hesitaram em festejar os protestos que começaram a 25 de Janeiro de 2011, recusaram chamar golpe ao que aconteceu em 2013. Pouco depois, aceitavam Sissi – afinal, um bom ditador, militar e tudo, é preferível a um islamista eleito para liderar o maior dos países árabes.